
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÚLIA MARIA LAURITO VERONEZ

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS ACADÊMICAS NO
SÉCULO XXI DE SEXUALIDADE E SURDEZ NA ESCOLA:
QUAIS OS AVANÇOS E QUAIS OS RETROCESSOS QUE AS
PESQUISAS APONTAM.**

Rio Claro

2017



JÚLIA MARIA LAURITO VERONEZ

AS CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS ACADÊMICAS NO SÉCULO XXI DE
SEXUALIDADE E SURDEZ NA ESCOLA: QUAIS OS AVANÇOS E QUAIS
OS RETROCESSOS QUE AS PESQUISAS APONTAM.

Orientador: Profa. Dra. Célia Regina Rossi.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2017

371.9 Veronez, Julia Maria Laurito
V549c As contribuições de pesquisas acadêmicas no século XXI de sexualidade e surdez na escola: quais os avanços e quais os retrocessos que as pesquisas apontam / Julia Maria Laurito Veronez. - Rio Claro, 2017
38 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Célia Regina Rossi

1. Educação especial. 2. Preconceito. 3. Instituição de ensino. 4.
Processo educativo. 5. Deficiência auditiva. 6. Libras. I. Título.

*Dedico esse trabalho aos meus pais,
Franklin e Adriana e a minha irmã
Thaís que são a base de uma vida
inteira;*

*Ao meu avô Antônio Laurito que foi o
grande incentivador dessa jornada (em
memória).*

AGRADECIMENTOS

Para que a conclusão de um trabalho seja efetiva, além do esforço que fazemos é necessário reconhecer as pessoas que fizeram parte dessa jornada nos auxiliando, para que então consigamos fechar esse ciclo. Deixo aqui o meu agradecimento a Deus primeiramente, sem Ele nada teria se concretizado.

Agradeço profundamente aos meus pais Franklin e Adriana, por terem se esforçado desde o começo para que eu me realizasse, agradeço o apoio que foi dado e toda a base necessária para que eu me tornasse professora. Além de dedicar esse trabalho também sou eternamente grata pelo carinho que me foi dado, o colo aconchegante que sempre precisei, sem vocês, nada disso teria tomado forma. A vocês, todo o meu amor, admiração e reconhecimento, sem vocês a minha vida seria incompleta.

Mãe, um obrigado extra a você, que me deixou essa paixão por essa profissão tão bonita, que um dia eu seja o mínimo do que você foi como professora.

A minha irmã Thaís por todos os momentos vividos, por todo o companheirismo em qualquer momento que fosse.

Ao meu pai Frank, meu querido e eterno Bibão, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e sendo meu parceiro, sou feliz por ser igual a você.

Meu avô Antônio Laurito que foi grande incentivador desse caminho merece também o meu agradecimento, ele que se foi antes de que eu chegasse até aqui é digno do meu muito obrigada! Gratidão por todos os momentos vividos e boas lembranças, saudades eternas;

A minha orientadora Célia Regina, por ter me acolhido quando eu precisava e por ter me dado toda a base e auxílio minha eterna gratidão, reconhecimento e admiração pela pessoa que é pelo que luta e por tudo que faz.

A todos os outros envolvidos também, meus amigos de sala, as pessoas que cruzei nas idas e vindas, os que somaram comigo e os que me ensinaram a ser mais forte, as professoras dos estágios que me acolheram e me

direcionaram, aos professores que tive durante toda a graduação, ao República Lago que me fez amadurecer durante toda a trajetória dessa jornada e a alguém especial que me acompanhou nesse último processo. Existe uma frase que diz que nós sempre levamos um pouco do outro e deixamos um pouco de nós. A todos que me deram um pouco de vocês, muito obrigado.

*Tenho amigos para saber quem sou.
Pois os vendo loucos e santos, bobos e sérios,
Crianças e velhos, nunca me esquecerei
De que "normalidade" é uma ilusão
Imbecil estéril.*

Oscar Wilde

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a verificação, estudo e análise de resumos de teses e dissertações já existentes do século XXI, entre 2000 e 2014, onde o foco será os avanços e os retrocessos dos apontamentos da sexualidade na surdez, procurando identificar o papel da escola nesse processo educativo. Buscaremos o entendimento de como as pesquisas apontaram grandes avanços e retrocessos da temática da sexualidade do surdo e o papel da escola. Partiremos da premissa que a sexualidade, principalmente na surdez não é trabalhada com aprofundamento e com clareza, pois a língua que pode permear esse aprendizado, que é a Língua Brasileira de Sinais – Libras não é veiculada na maior parte das instituições escolares e essa em grande parte, ainda não possui intérpretes de Libras. O objetivo geral desta pesquisa é revelar se teses e dissertações trazem avanços significativos dentro das escolas que tratam de sexualidade e surdez com o uso da Libras subsidiando esse aprendizado. Os objetivos específicos buscaram verificar os apontamentos referentes à surdez e a sexualidade no âmbito escolar, as contribuições da escola para o avanço da temática e quais os retrocessos que a escola também oferece, para que os avanços não se processem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com análise bibliográfica e documental, foi realizado levantamento em resumos de dissertações e teses de 2000 a 2014, totalizando 14 anos de pesquisas. Podemos considerar que essa pesquisa possibilitou um maior entendimento a respeito da temática dentro do ambiente escolar, e os principais ajustes que as instituições devem fazer para que os avanços aconteçam.

Palavras-chave: Sexualidade. Surdez. Escola. Libras.

ABSTRACT

This research has as objective a content verification, study and analysis of numerous sums, dissertations and thesis published on century XXI, between the years 2000 and 2014, where the focus is the advances and back downs over the appointment of sexuality on deaf people, trying to identify the role of the schools in this education process. We will search and understand how these researchers' point out huge advances and back downs on deaf people sexuality and the school role on this thematic. We begin with the premise that sexuality, especially on deaf peoples, isn't developed clearly and deeply, mostly because their language could permeate the whole process. This language is the Brazilian Language of Signals – LIBRAS – which isn't widespread across the majority of schools and to get worst, doesn't have a Libra translator available most of the times. The general objective of this research is to revel if those published thesis and dissertations bring significant advances inside the schools who deal with deaf and sexuality with the use of LIBRAS, subsidizing this learning. These research specific objectives will try to verify the referring appointments over deaf and sexuality inside schools, the schools contributions on this theme development and which back downs are imposed along the process. This qualitative research has bibliography, documental analysis and mapping on numerous thesis and dissertations from 2000 to 2014, totalizing 14 years of base material. We can consider that this research make possible a bigger understanding on this thematic inside schools, as well the needed adjustments that the majority of institutions should do to make progress.

Keywords: Sexuality. Deaf. Schools. LIBRA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MÉTODOS	12
3. DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ	13
4. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	15
5. ESCOLA.....	18
5.1 Escola inclusiva	18
5.2 Escola para surdos	21
5.3 O Interpretre na sala de aula	21
6. APONTAMENTO DAS PESQUISAS.....	24
7. CONCLUSÃO FINAL	30
8. REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Precisamos lembrar que a surdez é um obstáculo na vida das pessoas que a possuem, mas que não é o foco principal da mesma. A educação tem como função possibilitar a estas pessoas surdas ou deficientes auditivas uma melhor participação da sociedade, por meio do ensino e aprendizagem, disponível nas instituições escolares. Porém esta função não é cumprida de forma efetiva já que a língua de sinais - Língua Brasileira de Sinais - Libras é pouco utilizada ou pouco conhecida por aqueles que deveriam mediar conhecimentos aos surdos e deficientes auditivos. Isto ocorre também com suas famílias, que não sabem e nem utilizam a Libras fluentemente e acabam deixando a educação dos surdos somente para as escolas ou para aqueles que já são mais experientes, e a sociedade tem poucos que conhecem a Libras, para auxiliar no ensino e aprendizagem.

O desenvolvimento da criança surda deve ser entendido como um processo social e suas experiências devem ser concebidas nas suas relações com o outro. A adolescência é um período de mudanças. (GOÉS, 1999, p.37)

Há quem diga que a surdez deve ser encarada como sendo uma diferença cultural e linguística, e que pertence a uma minoria social, os surdos, já que os próprios não se consideram deficientes.

Quando nos referirmos a sexualidade do surdo nos equivocamos ao pensar que ela difere do não surdo, as questões sexuais de ambos os jovens são iguais. Existem informações que afirmam que a vontade do surdo de ser igual ao não surdo, e que sua vida sexual é igual que a de não surdos. A diferenciação que existe em torno da vida sexual do surdo, é muitas vezes dada, entendida, pela falta de informação e conhecimento. A falta de informação juntamente com falta de entendimento de abuso sexual, violência doméstica, bebidas alcoólicas e outras drogas torna a vida sexual desses jovens mais arriscadas, propiciando mais comportamentos de riscos. O que aumenta esses comportamentos de risco são a falta de informação, educação e juntamente com isto, a curiosidade de ambos os

sexos sem compromisso com o próprio corpo, aliada a falta de educação em sexualidade.

Impulsividade na gratificação das necessidades, pouco conhecimento das normas, comportamentos aceitáveis, recursos limitados de informações e uma reduzida habilidade para acessar risco contribuem para a prevalência de relações sexuais causais e indiscriminadas entre a população surda (Patil & Gropinath, p. 26)

O preconceito também é ainda uma barreira que impede a boa comunicação e o acesso às informações corretas já que, quando pensamos no deficiente, seja ele mental, físico, auditivo, cego, surdo, etc., ainda nos referimos a eles como o “outro”, ou o “diferente”. Tal maneira de falar, de apontar este diferente, faz com que os estudos a respeito dos deficientes ou da sexualidade dos mesmos seja escassa, há poucos estudos que dizem respeito à sexualidade dos surdos. O silenciamento a cerca dessas pesquisas faz com que o acesso a informação se torne cada vez mais difícil.

A educação inclusiva para surdos nas escolas é questionável já que a qualidade da educação apresentada a eles é muito inferior do que a dos ouvintes, fazendo com que a informação recebida seja incompleta, equivocada ou errada, uma vez que não tem acesso a ela via a Língua Brasileira de Sinais – Libras, assim como diz Heuttel e Rothstein (2001), isso faz com que todo o preconceito seja dia a dia reforçado. Essas falhas no ensino afetam diretamente aos surdos e deficientes auditivos, comprometendo a sua qualidade. A falta de profissionais qualificados é também um causador dos problemas da educação inclusiva, isto é o intérprete de Libras, que ainda é muito precário.

A língua de sinais, assim como já dito, muitas vezes não é fluente dentro de casa e nem nas escolas, e quando o tema é sexualidade, isso se torna ainda mais difícil já que, por utilizar as mãos para se comunicar, muitos dos gestos acabam sendo constrangedores tanto para quem demonstra quanto para quem aprende. Um exemplo claro disso são os casos de HIV. Os surdos conhecem a doença e sabem o que é, mas os meios de transmissão por exemplo, são falhos, ou seja, isso faz com que toda a informação que deveria ser passada por completo é feita pela metade, comprometendo a educação e o acesso a informação desses jovens.

O estudo aqui procurou focar o que as pesquisas apontam dos processos que os surdos estão passando nas instituições escolares, no que tange a temática da sexualidade. O quanto de dificuldade eles enfrentam, e por que tal fato ocorre. Mas também se a Libras tem aumentado e como ela media a aprendizagem e como esta aprendizagem de fato chega aos estudantes surdos e deficientes auditivos.

2. MÉTODOS

A presente pesquisa analisou se há avanços ou retrocessos na educação sexual dos surdos nas escolas, na tentativa de evidenciar a falta de informação e formação para os mesmos. Enfim, o objetivo geral desta pesquisa é revelar se pesquisas de doutorados e ou mestrado, isto é, teses e dissertações trazem avanços significativos dentro das escolas que tratam de sexualidade e surdez com a Libras subsidiando esse aprendizado.

Partindo dessa premissa buscaremos identificar o que contribui e o que desfavorece a compreensão e o entendimento da sexualidade na vida do surdo através da busca de referencial bibliográfico de teses e dissertações, análise do resumo dos mesmos, e se há outras propostas para o avanço e melhoria das informações que podem ser utilizadas para um maior esclarecimento na vida sexual dos surdos. Buscaremos também verificar o que se tem pesquisado, falado, escrito e os apontamentos referentes à surdez e a sexualidade no âmbito escolar.

Por meio de leituras, busca de referencial bibliográfico, estudos e análises dos resumos de teses e dissertações entender as contribuições da escola para o avanço da temática da sexualidade, e quais os retrocessos que a escola também oferece para que os avanços não se processem.

Para a realização deste estudo será realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual é exercida através de caráter exploratório e que, segundo BODGAN; BIKLEN (1994) é uma pesquisa descritiva. O estudo se baseou em pesquisas bibliográficas e documental, que é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado [...]” (GIL, 2002, p.44) e tratou da sexualidade na surdez dentro da escola.

As informações aqui apresentadas compõem questões já abordadas em outras pesquisas, teses e dissertações onde visamos o conhecimento dos pontos importantes que geraram avanços e também retrocessos a respeito da temática da sexualidade na escola.

3. DEFICIÊNCIA AUDITIVA E SURDEZ

A surdez e a deficiência auditiva embora sejam parecidas não são iguais e há um grande equívoco quando as comparamos.

A fala tornou-se o principal meio de comunicação entre as pessoas, sendo ela uma expressão da linguagem, porém ela não assegura apenas elementos linguísticos, mas também elementos de afetividade, elementos sociais, culturais, políticos e educacionais.

Goés (1996) retrata os limites psicológicos nos casos de surdez, já que, a deficiência auditiva considera-se uma privação sensorial por não reagir a estímulos sonoros. A surdez ou a deficiência auditiva são medidas em decibéis (dB).

A caracterização da deficiência auditiva se dá pela perda, maior ou menor, da audição, o deficiente auditivo tem dificuldade em ouvir, sua audição, ainda que deficiente, é funcional, podendo ser tratada através do uso da prótese, porém, é válido ressaltar que embora o uso da prótese auxilie na melhora da audição ela não ajuda na resolução de todos os problemas, é necessário que mais estímulos sejam dados para que a comunicação seja efetiva. Os deficientes auditivos normalmente não se consideram parte da comunidade surda, independente do seu grau de deficiência.

Os graus de deficiência auditiva são:

- Leve – quando alguns fonemas não são percebidos pelo deficiente, porém não há impedimento da compreensão da linguagem;
- Moderado e Severo – é necessário o uso de prótese e do acompanhamento médico para que haja compreensão e entendimento da comunicação, o que difere o moderado do severo são os decibéis.

As causas de tal deficiência são variadas, podendo ser de nascença ou desenvolvida ao longo da vida, unilateral ou bilateral. Os sintomas também variam, constantes dores de ouvido e cabeça, excessiva distração, na sala de aula por exemplo, volumes de voz ou televisão excessivos ou diminutos.

Assim como a deficiência auditiva, a surdez também pode ser desenvolvida ao longo da vida ou já vir de nascença, o que difere uma da outra é que, os surdos

necessitam da Libras para se comunicarem, já que eles também não possuem a língua oral, não escutam e automaticamente não falam, uma fala entendível, por não conhecerem a sonoridade das palavras.

Uma das grandes diferenças entre o surdo e o deficiente auditivo, se dá pela aceitação dos dois grupos, assim como já foi dito, o deficiente auditivo não se considera parte da comunidade dos surdos, não aceita como forma de expressão a Libras, uma vez, que tem resíduo auditivo, podendo se valer dele, e o surdo não se considera deficiente, ele se aceita e se integra bem a comunidade em geral.

4. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Inicialmente, como afirmam alguns pesquisadores, a educação sexual era ensinada como um fator biológico, nas aulas de ciências, foi necessário que houvesse mudanças quanto a isso já que, a insuficiência do assunto começou a ser notória.

Sabe-se que num ambiente escolar é impossível que um aluno deixe de lado a sua sexualidade para ali estar, o que faz com que seja necessária a intervenção da escola em alguns momentos. A educação sexual começa em casa, pelos pais, mesmo que essa seja de forma direta ou indireta, a educação independe se é conversado abertamente ou não, isso forma a concepção de cada um, tornando o aluno conhecedor do assunto já que o mesmo levanta questões dentro do ambiente escolar, seja pelos questionamentos ou pelas atitudes.

A implantação da educação sexual na escola se da, principalmente para que os jovens tenham uma vida mais sadia, um maior conhecimento do corpo e consciência dos seus atos. Ela deve ser entendida e aplicada no âmbito pedagógico, proporcionando conhecimento aos alunos e não ditando o que é certo ou errado, ou seja, a escola deve ser primeiramente neutra, para que escute as inquietações levantadas sem expor a sua própria opinião.

O trabalho feito com os alunos não deve ser programado anteriormente, ele deve fluir através dos levantamentos feitos pelo próprio aluno, porém, o professor pode e deve dar uma estrutura a esses levantamentos, a fim de sistematizar o conteúdo e solucionar as possíveis dúvidas.

As aulas de educação sexual na escola ainda enfrentam um grande preconceito, já que sua aceitação não é totalmente funcional, o caminho para que se fale sobre sexualidade no geral sem que haja boicotes ou barreiras ainda é longo, tornando necessário que esse assunto seja cada vez mais falado e trazido à tona, para que todos compreendam que levar informações a esse respeito aos jovens só traz benefícios, totalizando jovens conscientes de seus atos e com elevada autoestima.

A Educação Sexual na escola é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização da sua pratica. Ao dizer Educação Sexual estamos

nos referindo a toda ação contínua, em um processo de interação humana pelo qual, inserido em uma cultura, uma história e uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente as informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização. Assim, tal sujeito pode dialogar, ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida, sem medos, tabus e/ou receios em poder/querer aprender sobre tudo que se passa a sua volta durante toda a sua vida (SILVA, 2015, p.20).

Assim como citado acima, a crise informacional existe e é grande, sendo ela grande no geral, para alunos que não possuem alguma deficiência, torna-se maior ainda para aqueles que têm, nesse caso, surdos ou portadores da deficiência auditiva.

Atualmente o que mais se vem trabalhando na escola são questões que abordam as doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, gravidez precoce, proteção, gênero, entre diversos assuntos relacionados ao tema.

Os alunos surdos ou deficientes auditivos sofreram ao longo dos anos a deseducação sexual, causada pelo afastamento da realidade ou da dura realidade sofrida, como o abuso por exemplo. A sexualidade para eles tem conceitos errôneos ou recheados de falta de informação, principalmente quando são assuntos relacionados a AIDS. É válido saber que a maior parte das informações que possuem vem por parte dos familiares, que também possuem baixo ou quase nenhum conhecimento em Libras.

Podemos dizer que a falta de informação se dá através da:

Inexistência da educação sexual, no contexto da educação institucional brasileira; ausência de profissionais surdos atuando em escolas; falta de profissionais com formação especializada e idônea na área de educação sexual; professores ouvintes que não são fluentes na Libras atuando no processo educacional; escassez de material pedagógico em sinais; falta de planejamento, avaliação e reflexão constante do processo educacional com a participação de profissionais surdos; necessidade de elaboração de um currículo educacional com base na Libras, incluindo a educação sexual, e que esteja em consonância com a cultura da comunidade surda brasileira (FELTRINI, 2006, p. 12) .

Infelizmente, a educação sexual nas escolas, em geral, se mostra com dificuldades de implantação íntegra, já que o que se mostra são superficialidades.

A conduta da superficialidade mostra que há uma enorme imposição de gêneros e opção sexual dentro das escolas, uma barreira que a cada dia se mostra mais edificada, já que o tema ainda é um tabu a ser quebrado.

5. ESCOLA

5.1 Escola Inclusiva ou Escola para Todos.

Devemos entender a educação inclusiva como um fator positivo, já que pensar essa educação faz com que entendamos que a escola comum esta suprindo a necessidade de todos aqueles ali presentes, seja ele deficiente ou não.

Há uma discussão a respeito da educação inclusiva que visa à reforma das escolas comuns, onde o ponto central gira em torno da inclusão de todos os estudantes. É necessário que haja ações de melhoria, em todos os quesitos, desde mudanças estruturais até a reforma de ensino, onde novas medidas de inclusão sejam tomadas, partindo da gestão escolar o encorajamento de práticas inovadoras.

A inclusão presume que a escola deve se adequar a todas as crianças e não que a criança com deficiência se adequa a ela.

Pensar a Educação Especial significa ultrapassar a visão abstrata que a delimita, e questionar os interesses do modo de produção capitalista. Significa também, e principalmente, considerá-la como a possibilidade de oferta dos meios pedagógicos (serviços e recursos) que promovam o crescimento e a qualidade de vida do aluno com deficiência intelectual. (MORAES, 2012).

A educação inclusiva nada mais é do que a educação de todas as crianças em um mesmo ambiente e a escolha desse ensino mostra que a inclusão não é um problema, mas sim uma diversidade e sendo a escola um lugar para todos, é neste lugar que deve ser construída a base para a inclusão.

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos - inclusive às pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. (CARVALHO, 2005).

A inclusão é um longo caminho a ser trilhado e um importante viés da diversidade, já que se responsabiliza pela construção de escolas que supram as

necessidades do grupo como um todo, atendendo a necessidade individualmente, dando enfoque para àqueles que possam vir a ser excluídos.

Além de ser um direito, a Educação inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo. Incentiva uma pedagogia não homogeneizadora e desenvolve competências interpessoais. A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la. Claro que isso gera novas tensões e conflitos, mas também estimula as habilidades morais para a convivência democrática. O resultado final, desfocado pela miopia de alguns, é uma Educação melhor para todos. (MENDES, 2012).

Há uma urgência de transformação no sistema educacional para que o mesmo garanta qualidade e eficácia no ensino para todos os discentes, já que não é eficiente a escola receber alunos com diferentes necessidades educacionais e não proporcionar um espaço que cabem todos com equidade e igualdade, é preciso que a escola ofereça condições para a efetivação da pedagogia inclusiva, que visa o acesso dos alunos a um ensino de múltiplas possibilidades.

A transição da escola comum para a escola inclusiva não é tão simples como possa vir a parecer, é importante ressaltar a necessidade da formação dos professores para a inclusão, tal transição exige professores preparados para a diversidade, onde os mesmos possam suprir as necessidades do ensino inclusivo, porém, há necessidades de algumas deficiências que requerem um processo de aprendizagem específico, necessitando de professores auxiliares, recursos e apoio especializados, por exemplo, no caso da surdez, é preciso que haja em sala de aula um interprete de Libras. É nesse sentido que vemos a necessidade da formação continuada na pratica profissional.

O desafio, agora, é avançar para uma maior valorização da diversidade sem ignorar o comum entre os seres humanos. Destacar muito o que nos diferencia pode conduzir à intolerância, à exclusão ou a posturas fundamentalistas que limitem o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, ou, que justifiquem, por exemplo, a elaboração de currículos paralelos para as diferentes culturas, ou para pessoas com necessidades educacionais especiais. (BLANCO, 2009).

A modificação do sistema de ensino para a educação inclusiva deve contar com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que necessita ser incorporado à escola, já que o aluno deficiente tem o direito de frequentá-lo em períodos opostos às das aulas regulares. Existem no sistema público de ensino salas de recursos conhecidas como salas de apoio ou multifuncionais, sendo essas na escola ou em instituições conveniadas ao sistema público que tem como objetivo a reiteração do indivíduo na sociedade colaborando para que as limitações sejam vencidas, oferecendo recursos específicos para cada tipo de deficiência e novas maneiras que colaborem para o sucesso do ensino. De acordo com a Resolução CNE/CEB 4/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17, Art. 1º, lei nº 6.571/2008 o sistema de ensino deve matricular os alunos com deficiências no ensino regular e no AEE também.

Assim como se sabe, a educação inclusiva efetiva está em processo de construção, já que a sua implementação nas escolas ainda se dá de forma lenta, as barreiras a serem desconstruídas ainda são muitas, porém, é de fundamental importância que os educadores tomem iniciativa para que a mudança seja concluída. A inclusão visa à garantia da aprendizagem a todos os alunos na escola regular, é preciso que os laços entre os alunos, professores, gestores, familiares e profissionais da saúde sejam estreitados para que o atendimento, o trabalho pedagógico às crianças com necessidades especiais seja completo.

Ressaltamos ainda que é um compromisso inegável da escola a introdução cultural e social do indivíduo, independentemente de o mesmo seguir os padrões impostos de “normalidade” ou não.

Pesquisas apontam que a inclusão dos surdos nas escolas regulares não tem tanta eficácia, já que, o português para o surdo é considerado como segunda língua, uma língua estrangeira e embora haja a presença de um tradutor em sala de aula, na maioria das vezes, as necessidades do surdo deixam de ser supridas na maior parte das vezes.

5.2 Escola de surdos

A escola de educação bilíngue para surdos tem ações voltadas à educação e acessibilidade, em alguns casos ela pode ser voltada também a qualificação profissional, visando a inclusão social e profissional.

Prioritariamente as atividades são desenvolvidas na Língua Brasileira de Sinais-Libras e em segundo plano na Língua Portuguesa, já que essa só se é ensinada na linguagem escrita, sendo considerada como língua estrangeira. A segunda língua deve ser ensinada juntamente com o auxílio de recursos visuais para que a alfabetização seja facilitada.

O ensino nas escolas bilíngues para surdos é sempre respeitoso a comunidade surda, respeitando sua cultura. O ensino é orientado segundo as leis e apoia-se na Secretaria de Educação do município.

Como é previsto por lei, a inclusão defende que toda e qualquer criança frequente o ensino regular e defende ainda que a escola deve estar apta a recebê-la, mas a questão dos surdos nas escolas regulares é um pouco delicada quando referida a inclusão, já que a primeira língua não é a Língua Portuguesa. A comunidade surda, representada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) defende a não inclusão em salas de aulas comuns, mas sim as escolas bilíngues, onde, assim como já foi dito, ensine primeiramente a língua de sinais e secundariamente o português escrito, para que só então, a inclusão em escolas regulares seja feita, com o acompanhamento de professores tradutores.

Existem no Brasil diversas escolas bilíngues para surdos mas sabe-se que ainda são poucas as unidades existentes já que os surdos, no Brasil, são representados por mais de 5% da população total. Essas escolas são eficazes no ensino e aceitas por lei.

5.3 O Interprete na sala de aula

A educação inclusiva é para todos, ou seja, todo mundo, independentemente de ter alguma deficiência tem direito a educação junto com todos os outros que não são deficientes e, pensando na criança surda especificamente, deve-se considerar a sua peculiaridade linguística e cultural.

É dado por lei que os professores devem ter uma formação voltada para todos, porém as necessidades especiais daqueles que possuem deficiências deve ser contemplado por um professor especialista, que segue ao lado do professor regente de sala, auxiliando determinado aluno com determinada deficiência.

O surdo tem como prioridade na sua educação Libras e deve ser conhecedor também da língua escrita, a Língua Portuguesa, no caso dele, a oralidade é feita por gestos e o professor responsável por esses ensinamentos deve ter conhecimento de ambas às línguas, sendo a principal a de sinais.

A função do interprete dentro da sala de aula vai muito além de “traduzir” o que diz o professor regente. Na maioria das vezes, as crianças surdas, sendo filhos de pais ouvintes, não tem contato com Libras dentro de casa ou esse contato é quase nulo, o que causa uma enorme defasagem no ensino dessa criança, que não tem uma base para o ensino. O interprete deve conciliar o ensino e tradução não de forma automática e nem de forma a ocupar o lugar do professor pois o ensino da criança surda deve conciliar as disciplinas com o seu nível de entendimento com diversas maneiras e estratégias de ensino o que pode vir a ser um ensino mais lento e tardio em comparação as demais crianças.

A postura do interprete na sala de aula é um assunto que vem sendo discutido pela falta de imparcialidade de alguns, já que, ao traduzir expressam suas opiniões, dão respostas em avaliações, ou seja, tem atitudes desonestas tanto com o professor regente quanto com o aluno surdo, que tem sua educação prejudicada, porém, alguns estudos apontam que

(...) a atuação neste espaço é bastante diferente daquela de um intérprete em uma conferência, ou em uma consulta médica (...)Tais estudos focalizam que a atuação no espaço educacional tem características próprias que precisam ser respeitadas e não se trata de respeitar ou não o código de ética, mas de compreender os diferentes contextos e as necessidades que cada um deles impõe para a atuação do ILS (LACERDA, 2011, p.29).

É necessário que o interprete saiba se posicionar dentro da sala de aula, respeitando seus limites e o professor da sala, até para que haja uma relação amigável entre ambos, não incomodando o professor e nem tirando sua autoridade.

É preciso também que todos os alunos, ouvintes ou não, saibam a única e exclusiva função do mesmo.

A função de ensinar é do professor, a do interprete traduzir para a língua de sinais o que diz o professor, ambos devem colaborar para que a educação do surdo seja bem-sucedida.

A defasagem de interpretes dentro do mercado de trabalho é consideravelmente alta, o que faz com que muitos funcionários da própria escola aprendam a se comunicar com os surdos na pratica, não possuindo uma formação especifica para tal. A fiscalização em relação a isso tem se tornado maior, já que é obrigado a especialização da linguagem. Tal defasagem se dá também pelo desgaste físico que os interpretes acabam tendo, como LER (lesão por esforço repetitivo) por exemplo.

No geral, a comunicação e relação do surdo com o interprete vai bem, já que acabam criando laços de amizade pela longa convivência, mesmo ele enfrentando algumas barreiras para atuar na educação inclusiva, porém, é valido ressaltar que a inclusão só se dá por ele.

6. APONTAMENTO DAS PESQUISAS

A educação escolar daqueles que possuem deficiência auditiva ainda se faz insuficiente no seu sucesso, o que torna o ensino uma urgência ao pensarmos na discussão acerca do seu fracasso. O debate se faz a respeito da qualidade da educação e das práticas pedagógicas, o que se torna muito mais preocupante quando voltado para o tema de educação sexual.

Sabe-se que os assunto relacionados a sexualidade na Língua Brasileira de Sinais - Libras tem gestos considerados socialmente obscenos, o que dificulta o acesso a informação e a aprendizagem, já que sabemos que as famílias possuem pouco conhecimento e que o assunto é pouco abordado dentro de casa, na maioria das vezes até para aqueles que não possuem nenhuma deficiência o assunto se torna escasso, porém, ainda sim os ouvintes conseguem mais informações do que os surdos, já que a língua oral não é considerada obscena socialmente.

Por ser um problema dentro de casa a responsabilidade acerca da educação sexual torna-se da escola, que não cumpre seu papel de maneira apropriada, tornando o assunto algo sucintamente falado, seja para o ouvinte ou para o surdo, que é mais afetado ainda devido a não escuta, embora saiba-se que não há necessidade de que os assuntos expostos aos surdos sejam adaptados a eles, já que os mesmos não possuem problemas cognitivos e nem de assimilação, o único impedimento que possa vir a acontecer é a audição, que também não deveria ser um problema, já que a Libras pode e deve, ou poderia e deveria, suprir essa diferença entre um e outro.

Deve-se pensar uma construção pedagógica nova, onde não só os surdos, mas todos aqueles que possuem alguma deficiência ou super dotação possam ser encaixados sem dificuldades. Especificamente nesse caso, diante do que foi exposto, os surdos possuem dificuldades em lidar de forma coesa com os conhecimentos que chegam até eles, o que acarreta uma difícil adequação a informação recebida.

As infecções sexualmente transmissíveis (IST's), por exemplo, são sempre relacionadas à liberdade sexual, como, a troca incessante de parceiros, drogas e contato com pessoas que possuem alguma dessas infecções ou doenças.

No caso da AIDS, embora o conhecimento a respeito do contágio seja parcial, ainda carece de maiores informações, já que, assim como apontado por Isabel Bento e Sonia Bueno (2005) alguns jovens relacionem o emagrecimento com a doença, utilizando de um estereótipo para caracterizá-la.

É certo que os surdos possuem uma língua mais trabalhosa para a captação de maiores informações acerca de todo e qualquer assunto, para que haja um aprofundamento do assunto trabalhado, para que seja multiplicada a informação e seu acesso, uma vez que eles não usam a audição para a difusão dos conhecimentos apreendidos, como os ouvintes usam.

A cultura de negação às minorias, como é o caso de mulheres, acontece desde os primórdios, com as deficientes auditivas não é diferente e há uma baixa preocupação com isso, já que, por serem surdas, a desvalorização é alta, seja no mercado de trabalho, na escola, e outras instituições da sociedade. O ensino das escolas é voltado para o mercado de trabalho, desde a educação infantil até o ensino médio, nesse contexto, os surdos, que possuem e utilizam a Libras, os diferencia da língua oral, que é a que prevalece na sociedade, uma vez que a maioria é ouvinte, enfrenta desafios ao se encaixarem em várias instâncias da sociedade, pois estas instâncias não fazem uso regular da Libras.

No caso das mulheres isso ocorre com muito mais frequência. Contudo, como as mulheres surdas estão conseguindo maior acesso a formação docente e a educação em si, estão conseguindo romper o silenciamento que sofreram no decorrer dos anos. As mulheres surdas, que são a grande maioria dentro da sua especificidade dentro das escolas, começam a liderar os movimentos a favor da sua surdez, encabeçando também a cultura dos surdos, que se moldou com o passar dos anos de acordo com a “gestão” dessas mulheres. Assim como nos diz Klein e Formozzo (2007), “A escola atualmente é muito mais o local de convivência e de luta surdas e muito menos o local de aprender [...]”.

Ao deparar-se com alunos de inclusão em uma escola, é necessário que a mesma se encontre preparada para tal recepção e quanto à inclusão dos surdos é preciso que todos os profissionais envolvidos, sejam eles professores, gestores e profissionais da saúde, se atentem a língua dos mesmos, já que eles possuem uma cultura própria e que a única diferença encontrada é a falta de audição, o que os

torna diferentes, porém, não menos sábios ou empoderados que os ouvintes. A audição nula dos surdos não os fazem ser menos cidadãos ou com menor detenção de direitos e deveres, a incapacidade de ouvir não deveria refletir como incapacidade de aprender, já que os surdos, a não ser em casos muito específicos, assim como qualquer outra pessoa, não possuem atrasos ou problemas cognitivos e sabe-se também que a ausência da fala se dá exatamente pela falta de audição, como não possuem estímulos sonoros não os reproduzem em forma de fala.

Os surdos, assim como já dito antes, fazem parte de uma cultura própria, onde se utilizam da linguagem de sinais e constituem-se como sujeitos a partir do visual e por esse motivo deve-se entender a surdez como diferença de cultura e de língua e não como um não ouvinte, o surdo é apenas diferente daquele que ouve, ou seja, “A cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é o seu revés. Não é uma cultura patológica” (SKLIAR, 1998, p. 28).

Estudos apontam que mundialmente existem muito mais mulheres surdas do que homens surdos e que por esse motivo as dificuldades enfrentadas são muito grandes, dificuldades essas causadas pelo desrespeito e pelo preconceito, seja pelo fato das surdas serem mulheres ou das mulheres serem surdas. O gênero em questão, devido à sociedade em que se vive, está muito mais exposto ao enfrentamento de dificuldades, em qualquer circunstância, do que os homens, por exemplo.

Assim como em todos os outros países, no Brasil vem sendo muito discutido a questão de gêneros, porém, diferente do restante do mundo, aqui pouco se vê a discussão sobre gênero juntamente com a surdez, os estudos com relação a essa junção de temas são baixos, porém ele existe, de forma pequena o assunto está começando a entrar em discussão e muito disso ainda se dá pelo interesse em outros assuntos, como por exemplo, a divulgação do ensino, reconhecimento e conhecimento geral de Libras.

A comunidade surda tem muitas perspectivas a serem cumpridas além do reconhecimento de Libras, o acesso à informação e legendas com interpretação na língua de sinais são coisas que ainda seguem em luta, assim como o acesso à educação, saúde pública e a inclusão verdadeira e eficaz no mercado de trabalho.

As pesquisas a respeito da sexualidade do surdo em geral são poucas, mas quando decidimos entrar mais a fundo e procurar estudos que apontem vivências sexuais das pessoas portadoras de alguma anormalidade, notamos que são raros os apontamentos a respeito, já que, principalmente em âmbito nacional, raras investigações voltadas à relação de gênero do surdo estão em questão.

Nota-se nas pesquisas que existe uma predominância da sexualidade sendo encarada como patologia, sempre com conotação biologizante da deficiência, assim como da surdez, a sexualidade acaba sendo encarada como uma deformidade.

Os surdos homossexuais vivem a condição de (dupla) subalternidade social, preferindo esconder a orientação sexual como forma de manter sua segurança e resguardar-se perante o olhar da comunidade surda. Há um temor confesso de que a sua homossexualidade seja descoberta, o que traz prejuízos sociais e psicológicos. (ABREU, 2015).

As pesquisas se tornam mais escassas quando relacionamos a sexualidade com a homo afetividade e a deficiência em si. A deficiência auditiva e ou surdez nesse contexto torna-o ainda mais complexo e assim como diz Bauman (1998), existem estratégias de desqualificação e normatização para todos aqueles considerados desviantes dos padrões estabelecidos pela sociedade capitalista hegemônica. O viés da desqualificação mostra que as pessoas caracterizadas com anormalidades estão socialmente desvalorizadas já que não acarretam vantagens ao meio em que vivem, sendo assim, podemos notar que existem pilares diversos que diferenciam socialmente o indivíduo, praticando a exclusão por não se moldarem as normas impostas socialmente. Alguns estudos trazem a tona a questão da exclusão e o impacto causado na constituição do ser, o que indica que o ser deficiente, por ser diferente do que se considera normal, constitui a subjetividade, ou seja, a deficiência, na maioria das vezes, é encarada como a principal característica de quem a possui, o que caracteriza preconceitos de incapacidade, de ouvir, nos casos dos surdos; de andar, no caso dos paraplégicos; entre outros e em geral, negam o direito a muitas outras questões, como a de gênero ou orientação sexual.

A própria negação de que as pessoas com deficiência possam ter desejos de ordem homossexual reflete a invisibilidade da sua sexualidade. Se entendermos que essas pessoas são sexuadas como as demais, considerando que a sexualidade é uma

característica humana independente da condição de deficiência, também assumimos que elas podem expressar desejos e afetos que fujam dos padrões hegemônicos. Porém, é muito incomum nos estudos da área de educação especial e inclusiva (ou até mesmo nos de diversidade sexual) a referência a pessoas deficientes como sendo gays, lésbicas, transexuais, etc. (ABREU, 2015).

A sexualidade deixou de ser um assunto apenas de saúde pública, atualmente a temática abrange áreas de conhecimento geral, psicologia e educação também, e assim ela se manifesta num contexto histórico e cultural o que leva a acreditar que a narração da surdez é feita a partir de cada momento histórico experienciado. Lebedeff (2010) afirma que “falar de sexualidade não é tarefa fácil, principalmente por se tratar de um assunto impregnado tanto por simbologias (muitas vezes inconscientes), quanto por valores culturais (conscientes ou não)”. Torna-se notório, ainda nos dias de hoje que a pessoa com deficiência é considerada assexuada por alguns e hipersexuada por outros e que sua sexualidade ainda é vista como uma questão biológica.

Frente aos estudos analisados, percebemos que se faz necessária a quebra de paradigmas existentes que são facilmente criados e mantidos em relação a surdez, problematizando ainda mais as questões de gênero e sexualidade, o que torna pertinente o assunto quando pensamos que a inclusão também se torna inviabilizada, portanto acreditamos que não é suficiente a existência de campanhas de conscientização, é necessário haver conhecimento e conscientização concretos e justificados.

Houve um crescente notável de pesquisas nos últimos anos a respeito da inclusão escolar dos deficientes auditivos, abordando os mais variados assuntos em relação ao tema, entretanto, houve um baixo aumento dessas pesquisas relacionando a inclusão escolar do deficiente auditivo com a sua sexualidade e o ensino da mesma. As poucas pesquisas existentes apontam tanto avanços quanto retrocessos em seus conteúdos, há autores que se posicionam a favor da inclusão e autores que se posicionam contra e o mesmo é feito sobre o ensino da sexualidade. Em geral, os apontamentos mostrados pelos estudos levam a crer que há um enorme despreparo dos docentes, que não são levados a sério, distanciando o aluno do professor pela falta de uma língua comum que relacione os dois de maneira

adequada e a não qualificação desses profissionais surtirá efeitos negativos perante os alunos, que serão afetados por estarem inseridos no ensino regular apenas pela obrigatoriedade e não pela qualidade.

A desmistificação que entorna a relação surdez, sexualidade e gênero, pensado apenas como fator biológico é o ponto de partida para a construção de uma compreensão socialmente lógica. Permeiar o saber para que estereótipos sejam quebrados é necessário para entender o outro como diferente de si mesmo.

7. CONCLUSÃO FINAL

Hoje, há uma imensa proposta de educação voltada para a inclusão dos deficientes nas escolas regulares, frente a isso, imagina-se que as instituições tenham um preparo adequado para recebê-los, mas as várias publicações estudadas nesta pesquisa demonstraram que não é o que realmente ocorre. Pensando a deficiência auditiva e ou surdez como pontos principais, notamos que as barreiras se tornam ainda maiores, prejudicando diretamente ao portador de tal deficiência ou ao surdo.

A formação docente também não é comprometida com a inclusão, com as deficiências, pelo despreparo dos professores, que precisam começar a entender o outro como diferente dele mesmo, para que então a sua prática educativa possa se voltar a inclusão adequada de todos os alunos dentro de uma sala de aula, mediada por novas práticas pedagógicas que poderão favorecer a todos, nas suas especificidades.

As reflexões aqui mostradas ressaltam o quão difícil e falho é levar a abordagem da sexualidade na escola, um assunto muitas vezes silenciado por falta de formação ou ainda, por ser um assunto tabu, cheio de preconceitos, medos, e sempre ligados a padrões de normalidade em contra partida a anormalidade, o que demonstra que a sexualidade é tratada sempre do ponto de vista da biologia, da medicina. Mas também a sexualidade na escola esbarra nas temáticas religiosas, que muitas vezes guiam as práticas pedagógicas dos professores, por falta de conhecimento na formação inicial ou continuada.

Devemos entender e levar até as instituições de ensino que “[...] a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”. (LOURO, 2014, p.85).

Pensar a formação docente voltada para o ensino da sexualidade é complexo, o que leva a crer que pensar a respeito do assunto levando em consideração os sujeitos surdos pode se tornar ainda mais escasso, já que o pouco preparo recebido pelos docentes não atinge os alunos portadores de deficiências.

Os sujeitos surdos, muitas vezes ficam a margem do ensino, não sendo atingidos por completo, o que torna o processo educacional e de comunicação um pouco

turbulento para esses alunos, que não recebem as informações por inteiro já que, além de não entenderem a língua verbal por não a escutarem, recebem as informações de maneira ajustada, o que não é necessário já que esses alunos não possuem problemas cognitivos.

A sexualidade em si dificilmente é tratada de forma ampla nas escolas, o que torna o assunto um enorme tabu ainda nos dias de hoje, uma vez, considerar que os surdos necessitam da Libras para a comunicação, faz pensar o quão escasso esse assunto se torna para eles, que na maioria das vezes não o recebem e quando o recebem é de forma sucinta, errada ou ainda fragmentada, levando somente as formas de prevenção, o que não revela o que é de fato a sexualidade.

Chegar ao final de um estudo que enfatizou a necessidade da Educação Sexual na escola, reverbera em nós a preocupação com o futuro dos jovens que pouco sabem sobre o assunto e que relacionar o surdo nesse processo educativo faz repensar toda a trajetória percorrida nos processos educativos. Deve-se reforçar a preparação dos docentes tanto para a adequação aos surdos e todos os outros deficientes, quanto para a quebra do paradigma que é tratar a sexualidade na sala de aula.

Pensar a sexualidade de forma a compor o ser humano faz com que repensemos o seu papel na escola, na sociedade, assim, quebrar o estereótipo da vulgaridade é o primeiro passo em direção as mudanças necessárias para um olhar de possibilidades para a mesma na escola. Ao entendermos a fundo a sexualidade e o porquê de ensiná-la, daremos o pontapé inicial necessário para que as questões de gênero, por exemplo, sejam debatidas sem que preconceitos as barrem, ou que atos violentos não venham a acontecer contra os avanços concebidos.

Hoje, há uma enorme euforia para que a sexualidade seja debatida sem que conceitos já formados perpassem as novas conquistas, mas ainda que o entusiasmo seja a favor do assunto, é preciso atentar-se a um olhar crítico no entendimento total sobre sexualidade e deficiência, onde todos sejam pensados e incluídos, para tal, a formação inicial e continuada precisa ser revista e o professor precisa incluir em suas práticas pedagógicas cotidianas de sala de aula, novas maneira de atuar, mediando possibilidades para todos independente de suas particularidades. Estas particularidades devem ser entendidas, respeitadas e ouvidas, assim teremos uma

sociedade mais digna e humana, com uma contribuição importante da escola neste processo.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Façamos da interrupção um caminho novo. Da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho uma ponte e da procura, um encontro!
(SABINO, 1956)

8. REFÊRENCIAS

ABREU, F, S, D, de; SILVA, D, N, H; ZUCHIWSCHI, J. **Surdos e homossexuais: a (des)cobertura de trajetórias silenciadas.** Temas psicologia, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p.607-620, set.2015. **Disponível em:** <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300007&lng=pt&nrm=iso>. **Acessado em:** 12/01/2017

ABREU, F.S.D. – **Vozes Silenciadas: homossexualidade, sexo e relações interpessoais em sujeitos surdos.** 2011, 157 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ARAÚJO, C. K, SOUZA, D. M. – **Dificuldades do interprete em sala de aula: responsabilidades e influencias** - Revista Científica UNAR (ISSN 1982-4920), Araras (SP), v.11, n.2, p.53-68, 2015. **Disponível em:** <http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol11_n2_2015/5-DIFICULDADES%20DO%20INT%C3%89RPRETE%20EM%20SALA%20DE%20AULA%20-%20RESPONSABILIDADES%20E%20INFLU%C3%84NCIAS.pdf> **Acessado em:** 10/03/2017

ARAÚJO, M. J. C. - **O Ensino do Deficiente Auditivo no Brasil: panorama atual, 2015** – **Disponível em:** <https://www.researchgate.net/publication/281638369_O_Ensino_do_Deficiente_Auditivo_no_Brasil_panorama_atual> **Acessado em:** 25/01/2017

BECHE, R. C. E. **A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na construção da sua identidade.** Dissertação de mestrado. Florianópolis, 2005.

BENTO. I, C, B. & BUENO. S, M, V. **A Aids sob a ótica do surdo adulto jovem.** Revista Fluminense de Medicina, DST – J bras Doenças Sex Transm 17(4): 288-294 - 2005, **Disponível em:** < <http://www.dst.uff.br//revista17-4-2005/A-Aids-Sob-a-Etica.pdf>> **Acessado em:** Fevereiro/2017

BISOL, C. A. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre sexualidade.** Tese (Doutorado em Psicologia do desenvolvimento) Programa de Pós-Graduação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BISOL, C. A. & VALENTINI, C. B. **Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir** – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: <http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf>

Acessado em: 14/02/2017.

BLANCO, R. **A atenção educacional à diversidade: escolas inclusivas.**, In: Marchesi, A., Tedesco, J.C., e A sala de aula inclusiva. Daniela Alonso e S. Casarin. São Paulo. No prelo 2012.

BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para todos. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.** Jomtien, Tailândia – 5 a 9 de março de 1990.

CARVALHO, R. E, **Diversidade como paradigma de ação pedagógica na Educação.** In: Revista da Educação Especial. MEC/SEESP. Out. 2005.

DESSEN. M, A & BRITO. A, M, W, De. **Reflexões sobre a deficiência auditiva e o atendimento institucional de crianças no Brasil.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (12-13), 111-134. 1997. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100009>>. **Acessado em:** 14/12/2016

FELTRINI, G. M. **Educação sexual para surdos.** Arqueiro. Vol.13. Rio de Janeiro: INES, 2006.

FERNANDES, J, F, P. **Doenças sexualmente transmissíveis: análise psicossocial das representações de alunos surdos.** 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Fortaleza, 2008.

GUARINELLO, A C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

GALHARDI, A. C, Costa, A. A. R. **A Inclusão de Pessoas com Deficiência no Ensino do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza** - Pontifícia Universidade Católica - MG, Proex, 2006. Disponível em:

<<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Seminarios/1seminario/Trabalhos/Comunica%C3%A7%C3%B5es%20e%20Relatos%20de%20Experi%C3%Aancia/Os%20Sujeitos%20e%20as%20Defici%C3%Aancias/EDUCA%C3%87%C3%83O/A%20INCLUS%C3%83O%20DE%20PESSOAS%20COM%20DEFICI%C3%8ANCIA%20NO%20ENSINO%20DO%20CENTRO%20ESTADUAL%20DE%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20TECNOL%C3%93GICA%20PAULA%20SOUZA.pdf>>

Acessado em: Janeiro/2017

GLAT, R. **Saúde social, deficiência & juventude em risco**. Relatório de consultoria técnica: educação sexual, sexualidade, juventude, deficiência, depoimentos, inclusão social. Rio de Janeiro: Banco Mundial, 2004.

GÓES, M. C. R. **Linguagem. Surdez e Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996

KLEIN, M. , FORMOZO, D. **GÊNERO E SURDEZ**. Reflexão e Ação, v. 15, p. 100-112, n. 2007.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. In: Caderno Cedes, Campinas, v.26, p.163-184, 2006

LEBEDEFF, T, B. **Surdez e sexualidade: uma discussão sobre a necessidade de empoderamento linguístico e acesso à informação**. 2010. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Especial/Trabalho/09_09_00_SURDEZ_E_SEXUALIDADE_UMA_DISCUSSAO_SOBRE_A_NECESIDADE_DE_EMPODERAMENTO_LINGUISTICO_E_ACESSO_A_INFORMACAO.PDF>. **Acessado em:** 28/01/2017

LIMA, E. S. **Reflexões sobre a história do ensino da sexualidade para surdos no Brasil** – Colóquio de História, 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp=content/uploads/2013/11/5Col-p.1229-1238.pdf>> **Acessado em:** 13/12/2016

LOPES, E. **Flexibilização Curricular: um caminho para o atendimento de aluno com deficiência**. PDE, Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/786-2.pdf>> **Acessado em:** 7 de Janeiro de 2017.

LOURO, G, L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v.19, n.2 (56) – maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 01/12/2016

LOURO, G, L. **Currículo, gênero e sexualidade: o normal, o diferente o excêntrico**. In.: LOURO, GUACIRA L.; FELIPE, JANE; GOELLNER, SILVANA V. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed, Petropolis, RJ: Vozes, 2013

MENDES, R, H. **O Pleonasmo da Educação Inclusiva**, 2012

MORAES, V. A. V. **Gestão da educação especial do Paraná: manutenção das escolas especiais**. In: IX Anped, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 29 de julho a 1º de agosto de 2012, Caxias do Sul, RS.

MOURA, M. C. **Surdez e Linguagem**. IN: GOÉS, A.M; LODI, A. C. B; KOTAKI, C. S; LACERDA, C. B.F; CAETANO, J. F; HARRISON, K. M. P; SANTOS, L. F; CAMPOS, M. L. I. L. Coleção UAB UFSCar, São Carlos, 2011.

RELLY, L. – **Escola Inclusiva: Linguagem e mediação** – Campinas, SP - Papirus, 2004 – (Série Educação Especial)

SABINO, F. **O Encontro Marcado**. – Editora Record, Rio de Janeiro – RJ, 82ª edição, 1956.

SÁNCHEZ, P. A. **A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI**. In: Revista da Educação Especial, Out/2005.

SANCHES, I. TEODORO, A. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. Revista Lusófona de Educação, volume 8, nº 8, Julho de 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/691>> Acessado em: 20 de março de 2017

SILVA, R, D. **Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia**. 2015, 144f, (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2015.

SILVA, D, R Q.& MELLO, E M. **Discurso e gênero: uma discussão sobre modos de enunciar o feminino**. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST54/Silva-Mello_54.pdf. **Acessado em:**
27/11/2016

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2014.

_____. **Surdez da cóclea ou do nervo auditivo.** – Disciplina de Otorrinolaringologia da faculdade de Medicina da USP – **Disponível em:**
<<http://www.surdez.org.br/conteudo.asp?id=2>> **Acessado em:** 02/02/2017

Orientadora: Prof^a Dra Célia Regina Rossi

Orientanda: Júlia Maria Laurito Veronez